

Quando cheguei ao final deste livro, tive aquela sensação rara que só as narrativas muito bem elaboradas nos trazem, deixando escapar a famosa pergunta dos leitores surpreendidos: “como não pensei nisso antes?”

Mas o final surpreendente não é o único recurso do autor. Com uma linguagem ousada, personagens marcantes e habilidosa carpintaria, o novo romance de Felipe Pena nos faz pensar sobre a inevitabilidade do olhar dos outros sobre nós, a nos construir, explicitando o fato de que estamos à mercê de rótulos impostos, de estereótipos e, às vezes (somente, às vezes), de injustiças.

Então, a quem delegar a difícil tarefa de receber uma trágica notícia “pessoal”? Quem (re)contará a história que não nos pertence? É o que se pergunta um escritor decadente quando preenche o verso do cartão de embarque e dedica uma crônica ao assunto, minutos antes de viajar para um lugar desconhecido.

Duas leitoras se identificam com a crônica e tentam descobrir o paradeiro do escritor. Nicole e Berenice passam a se envolver com os burocráticos amigos do desaparecido, que também têm suas próprias narrativas sobre o acontecimento. Em quem devem acreditar?

*O verso do cartão de embarque* é um romance sobre a dor. A dor daqueles que esbarram na falta de sentido de um mundo que insiste em impor sentidos. Felipe Pena construiu uma história em que risos (o capítulo sobre os cânones é hilário) e lágrimas se misturam. Uma história inesquecível.

Antonio Pastoriza

*(professor da UFC)*